

CABELO CRESPO: PROJETO EDUCACIONAL PARA O ENSINO ANTI-RACISTA¹

Larissa Silva Correia – UFRB/BA²

Eduarda Cintra Palmeira – UFRB/BA³

Resumo

O respectivo trabalho foi realizado no Colégio Estadual João Batista Pereira Fraga localizado no município de Muritiba-Ba, localizado a 114 km de Salvador. Dessa forma, ele foi construído com a finalidade em contribuir na semana da consciência negra do ano letivo de 2023, pois compreendemos que apresentar referências teóricas de intelectuais negros e negras são essenciais para o desenvolvimento crítico social dos estudantes. Teve como objetivo promover em sala de aula práticas educacionais antirracistas, voltadas para o cabelo crespo, introduzindo metodologias de ensino ativas promovendo a valorização da cultura, identidade negra e o protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Ensino antirracista; Projeto Educacional; Cabelo Crespo.

INTRODUÇÃO

O respectivo trabalho foi realizado no Colégio Estadual João Batista Pereira Fraga localizado no município de Muritiba-Ba, localizado a 114 km da capital baiana, Salvador. Dessa forma, ele foi construído com a finalidade em contribuir na semana da consciência negra do ano letivo de 2023, pois compreendemos que apresentar referências teóricas de intelectuais negros e negras são essenciais para o desenvolvimento crítico social dos estudantes. (PINHEIRO, 2023).

A escola escolhida para realização das oficinas, foi palco de atuação do programa Residência Pedagógica. O programa faz parte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e visa contribuir para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica. Ou seja, durante o período que o licenciando estiver vinculado ao programa ele estará desenvolvendo atividades de observação a regência na escola que estiver vinculado à universidade e ao programa.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Ciências Sociais – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – correialarissa@aluno.ufrb.edu.br

³ Ciências Sociais – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – eduardacintra@aluno.ufrb.edu.br

É nesse contexto que, introduzida a escola pesquisada e escolhida a classe do segundo ano, Turma A, do turno vespertino, onde que, durante as aulas de sociologia foram aplicadas as oficinas referente ao presente trabalho.

Foi escolhido as aulas específicas de sociologia para a aplicação da pesquisa e oficinas, porque compreendemos que o ensino da sociologia é de suma importância para os jovens nos anos finais da educação básica para o desenvolvimento deles perante a sociedade e a formação de um senso crítico.

A sociologia produz um conhecimento e uma análise da interação social, assim como o sociólogo francês Bernard Lahire retrata em suas teorias, que “a Sociologia é uma ciência comumente forçada a passar tanto tempo a explicar e a justificar seus procedimentos e sua existência quanto a entregar os resultados de suas análises.” (Lahire, 2014, pág. 47)

A introdução da Lei n.º 10.639/03 não se encontra como disciplinas e novos conteúdos, mas como uma mudança cultural e política no campo curricular e epistemológico, rompendo com o silêncio e desvelando esse e outros rituais pedagógicos a favor da discriminação racial. (GOMES, Lino; 2012, pág. 105).

Usar do espaço de ensino para inserir esses conhecimentos acerca da cultura e relações raciais, e como a importância de docentes preparados para a aplicação destes conteúdos é primordial, lembrando que sua voz e conhecimento estão ali para agregar aos valores destes jovens em sua turma (GOMES, 2012).

Mas não é nenhum tipo de fala, é a fala pautada no diálogo intercultural, e não, é qualquer diálogo intercultural, é aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um “outro”, enquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala.

Dessa maneira, as práticas educativas que promovem a educação antirracista são essenciais para a realização das oficinas, que serão embasadas em autores negros, abordando temas como cabelo afro, autoestima e beleza negra, traçando um diálogo amplo com os alunos, com isso, durante as oficinas, a questão central foi: “Qual é o significado do seu cabelo para você?”

Então, o objetivo geral é desenvolver uma prática educacional, com metodologias ativas com ênfase em contribuir na valorização da cultura, identidade negra com protagonismo juvenil.

Foram delineados os seguintes objetivos específicos: Contribuir para o desenvolvimento político pedagógico, na perspectiva da Lei n 10.639/03 no ensino afro-brasileiro na rede de ensino educação básica; compreender a historicidade da identidade negra no Brasil; analisar a cultura negra, no processo de construção da autoestima.

Posto isto, compreendemos que uma educação que enfatize a valorização da cultura e identidade negra desses jovens, sendo em sua maioria negros, ajuda no desenvolvimento do autoconhecimento sobre sua identidade, isso contribui para o sentimento de pertencimento e protagonismo juvenil, ao valorizar suas experiências de aprendizado e reconhecer a importância desses jovens que se veem representados nesse ambiente, respeitando sua cultura e características.

A ANTROPOLOGIA INSERIDA NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

O ensino da sociologia no Brasil já passou por diversas modificações no currículo escolar da educação básica, a depender do contexto político do país. A disciplina por muitas vezes foi retirada do currículo escolar ou deixou de ser obrigatória, ou seja, desde o seu momento de institucionalização na educação básica que a sociologia sofre ataques sendo marcada pela intermitência entre obrigatoriedade, facultatividade e completa ausência.

A sociologia se inicia no Brasil nos anos de 1882, quando Rui Barbosa com ideais positivistas se baseando nos textos de Auguste Comte propôs a entrada da disciplina nos cursos de direito, formações militares e na escola secundária com as seguintes nomenclaturas “elementos da sociologia” e “direito constitucional”. (MACHADO, 1987, p. 117.

Em 2006, no governo Lula, o conselho nacional de educação torna a sociologia como disciplina obrigatória após a elaboração das orientações curriculares para o ensino médio e enfim, em 2 de junho de 2008 é assinado a lei 11.684, esta medida tornou obrigatória em todo o país o ensino da sociologia nas três séries do ensino médio. (SILVA, 2010)

O ensino de sociologia no ensino médio serve como uma aliada fundamental na formação do pensamento crítico dos jovens, sobretudo, naqueles que estão nos anos finais da educação básica. Dessa forma, vai ser nas aulas de sociologia que a antropologia será inserida nas práticas pedagógicas da educação básica contribuindo na formação crítico-social dos estudantes. (OLIVEIRA, 2013)

A sociologia é um campo científico e para o processo epistemológico desses jovens enquanto cidadão, tem efeito no seu processo de socialização, pois boa parte do aprender é no ambiente escolar que seu conhecimento crítico sobre os objetos é gerado e construído, pois a sociologia é esse campo que desenvolve discussões com causas sociais, tendo as utilidades no campo sociológico político e cognitivo, usando a metodologia de trazer a sociologia para a realidade desses jovens, que irão intrigá-los e conseqüentemente irão se engajar nas discussões feita em sala.

É de suma importância o ensino da sociologia no ensino médio, sobretudo os conteúdos que lhe é ensinado. Dentro dos conteúdos sociológicos previstos pela Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC/EM) e das Diretrizes Curriculares Comum (DNC) se encontram presentes temáticas e conteúdos que abrangem a área da antropologia.

É comum ao analisar assuntos antropológicos estabelecer somente o que se refere à cultura (OLIVEIRA, 2013) e muitas vezes ocorre de nem se quer aprofundar a temática, limitando a aprendizagem do estudante. Entretanto, estudar sobre as questões culturais é de extrema importância para podermos compreender e valorizar a nossa cultura e a cultura do outro e além disso, ampliar o conhecimento e o modo de ver a sociedade, fortalecendo a formação do senso crítico e compreendendo que a cultura vai além de ser uma simples “herança social” ou um conjunto de crenças, costumes e rituais, ela é o elemento que dá vida às práticas sociais e nos possibilita enxergar o mundo.

Dessa maneira, reconhecemos a antropologia como uma ciência com uma proximidade com a sociologia, não fugindo das competências da disciplina de sociologia no ensino médio brasileiro. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1999, se destaca os seguintes trechos:

“No entanto [em oposição à discussão em torno dos fatos sociais], isso não significa assumir uma postura de ‘naturalização’ dos padrões, mas sim motivar uma reflexão que permita ao aluno perceber o caráter de ‘construção cultural’ das regras. Pois o conceito de cultura, considerado em sua dimensão antropológica, emerge enquanto um recurso teórico capaz de viabilizar uma atitude comparativa, através da chamada observação participante, que nos permite compreender as relações entre um conjunto de normas e outro conjunto diferente.” (BRASIL, 1999, p. 39).

“Em outra vertente, a Antropologia também fornece elementos teórico-metodológicos para se pensar as sociedades complexas, a partir de noções como experiências culturais (que, em certa medida, moldam nossos “mapas” de orientação para a vida social), rede de relações, papéis sociais, que informam o processo de constituição das identidades sociais, num constante fluxo, na maioria das vezes etnocêntrico, de diferenciações, entre ‘nós’ e os ‘outros’” (BRASIL, p. 40).

É importante ressaltar que devemos considerar esses aspectos citados em documentos oficiais, no entanto, não podemos reduzir a Antropologia a um papel “auxiliar” no Ensino Médio. Isso se deve ao fato de que essa ciência possui sua própria episteme e um campo de atuação específico, mesmo que esteja interligada de maneira fluída com outras áreas do conhecimento. (OLIVEIRA, 2013)

Dessa forma, a antropologia inserida na disciplina de sociologia no ensino médio contribui para dentro da sala de aula não só o fornecimento de conhecimento teórico aos alunos, mas também no que se refere introduzir elementos que irão questionar o ambiente educacional e a experiência vivenciada dentro e fora dele.

LEI 10.639 E AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS ANTIRRACISTA

A criação da lei 10.639/2003, vem para contribuir ao contexto educacional a inserção da obrigatoriedade em abordar assuntos do ensino da cultura e da história afro-brasileira e africana no ensino fundamental e médio, pensar que muitas vezes esses assuntos só são tratados em momentos oportunos e em datas específicas, sendo no novembro Negro, mês que a rede educacional tira para tratar em sala estes assuntos, porém não tão aprofundados como se deveria ser.

Inserir autores negros para a rede educacional é trazer outros olhares e pensamentos, para não tornar a história única dos fatos como a verdade, é apresentar também representatividade para estes alunos que estão nestes espaços.

“A Lei 10.639/2003 institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos da Educação Básica no Brasil. Este estudo busca compreender as razões da dificuldade de sua implementação, por meio da análise das políticas públicas federais e das produções acadêmicas a ela relacionadas, durante seus primeiros dez anos de vigência. Concluiu-se que a coesão entre as diversas políticas educacionais é fator, entre outros, que corrobora a efetivação dessa legislação. Os problemas encontrados na execução da Lei 10.639/03 estão inseridos nas dificuldades estruturais do sistema educacional brasileiro e em suas bases ideológicas racistas.” (BETTINE; SANCHEZ, pág. 55, 2017).

Continua sendo de suma importância esta lei, e a efetivação dentro deste ambiente cabe aos docentes, trabalhar com suas turmas, temas e autores intelectuais negros criando um ambiente representativo e diverso, pois as inúmeras possibilidades de conhecimento e ideias posas surgir dentro da sala de aula.

Mas não é nenhum tipo de fala é a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural é aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que

pressupõe e considera a existência de um “outro”, enquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala.

Nilma Gomes cita:

“Nesse sentido, mais do que a efetivação política de uma antiga reivindicação do Movimento Negro para a educação, a Lei n.º 10.639/03, o parecer CNE/CP 03/2004 e a resolução CNE/CP 01/2004 e os desdobramentos deles advindos nos processos de formação de professores/as, na pesquisa acadêmica, na produção de material didático, na literatura, entre outros, deverão ser considerados como mais um passo no processo de descolonização do currículo.(2012; pág. 107)”

O planejamento político pedagógico (PPP), traz a reflexão e o belo exemplo como as políticas educacionais deveriam pensar e abordar em seus livros didáticos e paradidáticos ampliando ainda mais o conhecimento no processo de formação destes discentes. Assuntos entorno da valoração da cultura negra historicamente negada, pois o processo da escravidão deixou mazelas até hoje.

Nas construções sociais a população negra é historicamente desvalorizada, o racismo é estrutural está enraizado e se não tiver iniciativas que desmorone essas estruturas historicamente construídas e radicadas na sociedade irá ser partilhado só as desvalorizações e sofrimentos.

Esses movimentos de multiplicar a valorização é importante para que nas construções educacionais possa ser trabalhado a valorização das subjetividades dos alunos inseridos nestes espaços escolares. “Professores e professoras são esses “doadores de memórias” com o papel de transmitir socialmente às novas gerações um legado cultural sistemático que tanto nos impulsiona no sentido do desenvolvimento humano” (PINHEIRO; pág. 24, 2023).

As práticas pedagógicas que fortalecem o ensino para uma educação antirracista são imprescindíveis para a elaboração das oficinas, que serão construídas com base em autores negras(o), dialogando com os alunos presentes, temas sobre cabelo crespo, autoestima e estética negra. Desta forma, serão trabalhados temas que englobam o coletivo ao meio que estão inseridas e a partir desta perspectiva, foi realizada a oficina que teve como tema central “O que seu cabelo representa para você?”.

Dessa maneira, pensar em práticas educacionais trazendo autores negros contribui para uma prática de ensino anti-racista, abordando sobre temas vivenciado por esses jovens no seu cotidiano e concedendo a devida visibilidade, fazendo esta troca de conhecimento e criando um ambiente construtivo.

METODOLOGIA E APLICAÇÃO DAS OFICINAS

A metodologia utilizada foi a criação de encontros em formatos de oficinas, realizados em três encontros no 2º ano ensino médio, Turma A, turno: Vespertino, no Colégio Estadual João Batista Fraga, sendo aplicada uma metodologia de ensino ativa.

No primeiro momento, com o apoio do livro da autora Kátia Maria Dos Santos Barbosa, “Cabelo ruim? Que mal ele te fez?” (2021), foram utilizados dois capítulos do livro, que se refere ao dilema do cabelo e empoderamento. Consecutivamente teve a exibição do Documentário com duração de 16 minutos “Espelho, Espelho meu“, enfatizado em três blocos abordando as seguintes temáticas - Identidade, Mídia e Família. A partir deste momento, como meio metodológico, foi aplicado um questionário com perguntas diretas, para trazer as questões que tiveram no decorrer da exibição do documentário, e também, coletar dados de como a escola trabalha esse tema no ano letivo.

No segundo encontro, realizou-se uma oficina de desenho, para saber como é a visão dos alunos referente ao seu cabelo e como se enxergam. Após isso, iniciamos uma roda de conversa para um debate referente aos seus respectivos desenhos e o que foi trabalhado no encontro anterior.

No terceiro momento, tivemos o livro da autora Iasmim de Oliveira Gonçalves que se chama “Os Fios de Recontos” (2019), é apresentado em formato impresso, composto por cinco contos formativos, que abrangem discussões em torno dos conceitos de raça, gênero, identidade e juventude através das histórias de vida e formação produzidas por jovens estudantes negras.

A partir desses momentos em sala de aula, compreendemos a importância de pôr em prática as metodologias de ensino ativas, pois acaba rompendo com o ensino bancário, tendo a sala de aula como um lugar rico de aprendizados e de troca de saberes entre professor e aluno.

O educador brasileiro Paulo Freire (2004), irá trazer em suas obras questões sobre as práticas pedagógicas para a construção de uma autonomia dos educando, abordando então que o professor quando age de forma democrática na sala de aula ele vai exercer um papel de criador, investigador e de rigorosidade no seu método, com isso, quando o educador estar ensinando, ele deve respeitar os saberes socialmente construídos pelos educandos, ou seja, é de grande importância o professor valorizar as experiências dos alunos.

Dessa maneira, no momento que se utiliza o espaço da sala de aula como um espaço de escuta, os alunos se sentem valorizados e acolhidos, podendo expressar seus saberes obtidos

fora do ambiente escolar, além disso, como Paulo Freire (2004) aborda em suas teorias, que o ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar possibilidades para a produção ou construção do conhecimento, assim dizendo, o professor com os alunos através de diálogos, debates e rodas de conversas estarão juntos refletindo sobre o conteúdo exposto e construindo novos conceitos e aprendizados.

As oficinas

OFICINA I: Introdução ao Tema		TEMA: “O que seu cabelo representa, para você?”
Objetivo Geral: Introduzir o debate sobre cabelo, seus dilemas e empoderamento: Enfatizado em três blocos, abordando as seguintes temáticas - Identidade, Mídia, Família.		
Metodologia: Apresentação de dois produtos :O livro de Kátia Maria “Cabelo ruim? Que mal ele te fez?”, e a exibição do Documentário com duração de 16 minutos “Espelho, Espelho meu “		
Recursos Utilizados: Notebook, Folha de papel, caneta.		
Respostas obtidas dos alunos, através do fichário:		
Pergunta: Você conhece a palavra Empoderamento, o que ela significa para você?	Pergunta: Como você enxerga sua autoestima, relacionada ao seu cabelo?	Pergunta: A escola está tendo o papel de trabalhar estes assuntos e sala de aula, e como gostaria que fosse abordado?
Aluno 1: “Sim, coragem, força, determinação e confiança .”	Aluno 1: ” Não	Aluno 1: “Sim, que fosse mais abordado em sala de aula.”
Aluno 2: “Sim, acho que significa eu me amar e	Aluno 2: “Péssima. “	Aluno 2: “Com pesquisas e trabalhos.’

não permitir que alguém fale ao contrário.’		
Aluno 3: “Ter poder, sentir-se poderosa.”	Aluno 3: ” Vejo meu cabelo como base da minha autoestima .”	Aluno 3: “Ruim, com palestras.’
Aluno 4: “Pra mim é um movimento que todos fazem em coragem de algo e uma luta.”	Aluno 4: “Eu gosto quando meu cabelo está na régua.”	Aluno 4: ‘Bom, gostaria que abordassem esses temas mais vezes sobre estética negra.”
Aluno 5: ‘Sim, movimento de emancipação individual e busca ter domínio sobre a própria vida.”	Aluno 5: ” Tenho uma boa relação, corto toda semana para ficar na régua .”	Aluno 5: “Ruim, pois o tema deveria ser mais abordado.”
Aluno 6: ” A palavra já diz em si, O poder do cabelo crespo.”	Aluno 6: “Infelizmente, sou muito insegura ainda em relação ao meu cabelo, por um simples fato de ficar me comparando com outros cabelos .”	Aluno 6: “Ruim, nunca trouxe nenhum tema relacionado a isso, infelizmente.’
Aluno 7: ’Sim, empoderamento é o meu poder e capacidade de decisão sobre mim, é o orgulho de carregar a herança tanto na aparência como no modo de me vestir, é poder ser algo que lá atrás os meus foram oprimidos ,	Aluno 7: É a base, se ele não estiver arrumado eu nem existo, Amo receber elogios, mas não gosto que encoste “risos”	Aluno 7: “Nem bom, nem ruim. Não tocam neste assunto, na verdade no colégio se não tiver um psicológico a gente cai na depressão, por causa de adolescentes traumatizados e estereotipados. “

por ser quem são , só por serem diferentes.”		
Aluno 8: ‘Adquirir o poder, autonomia e controle sobre a própria vida.’	Aluno 8: “Normal “	Aluno 8: “Bom “
Aluno 9: “Se tornar poderoso.”	Aluno 9: ” Ultimamente por causa da calvície, mais ou menos.”	Aluno 9: “Não faço ideia.”
Aluno 10: “Significa amor próprio, confiança de si mesmo.”	Aluno 10: “Tudo, dependo dele pra ter autoestima automaticamente se ele estiver arrumado, eu estou arrumado.”	Aluno 10: “Bom, trazendo cursos, atividades relacionadas ao assunto. “

OFICINA II: Desenho	TEMA: “O que seu cabelo representa para você? “
Objetivo Geral: Saber como é a visão dos alunos referente ao seu cabelo e como se enxergam.	
Metodologia: Realização de oficina de desenho, para se expressarem através de desenhos a representação de seu cabelo. Após essa atividade, foi iniciada uma roda de conversa para fazer um diálogo referente aos seus respectivos desenhos com o intuito de observar quais elementos foram destacados nos respectivos desenhos feitos.	
Recursos Utilizados: Papel, lápis de cor, piloto.	

Alguns desenhos realizado pelos alunos

Imagem 1 – “ ‘Alto’ estima 100%, bem escolhi uma foto que eu gosto meu lado lindo demais”

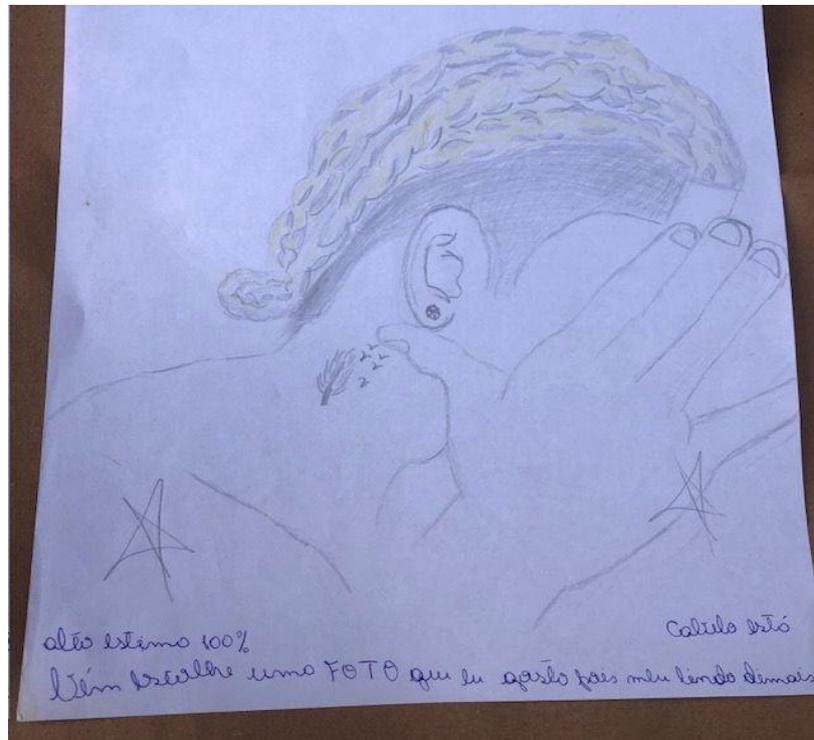


Imagem 2 – “ ‘Auto-Retrato’ - O que seu cabelo representa para você? - Tudo, Autoestima, Riqueza, Maquiagem.”

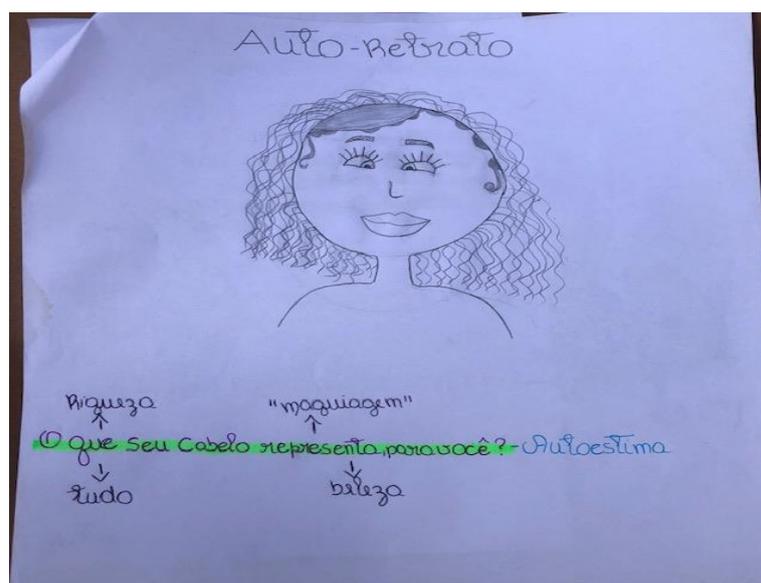


Imagem 3 – “ Autoestima – eu posso estar arrumado, mas se meu cabelo não estiver eu nem saio, pois meu cabelo arrumado é muito importante pra mim.

Fases – Gosto de mudar de visual

Cores – Pintar o cabelo agora é vida”

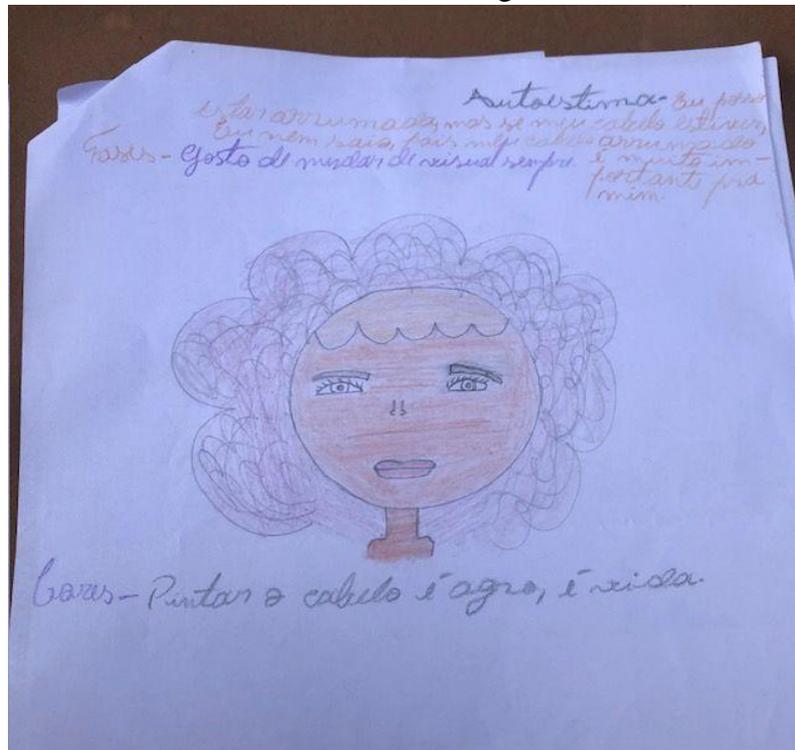


Imagem 4 – “ Força- Meu cabelo no momento está me representando força para suportar as fases deles ☹️”

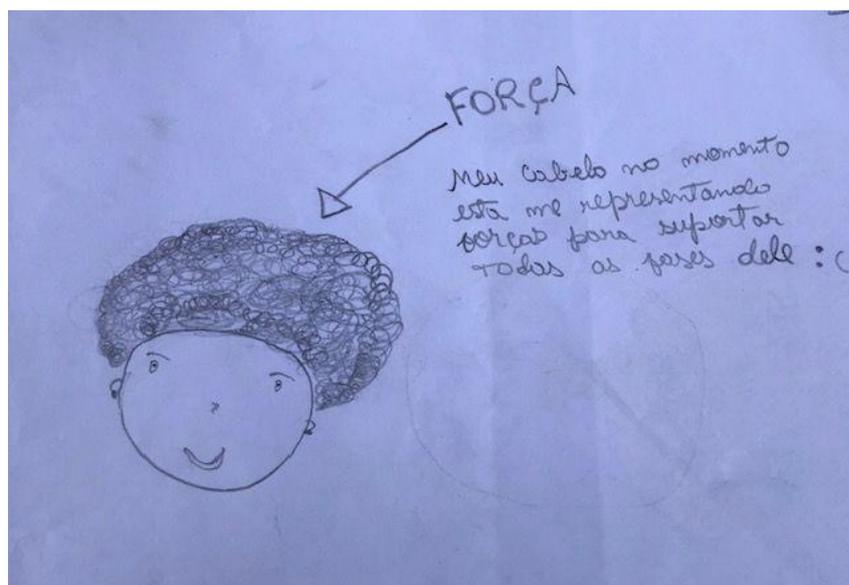


Imagem 5 – “Fases, metamorfose, cores”

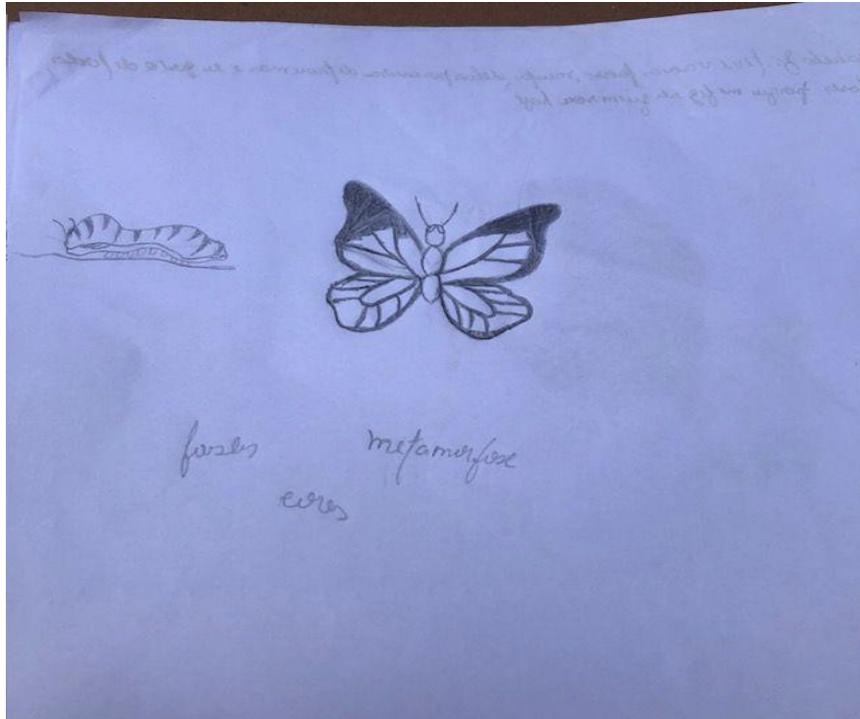
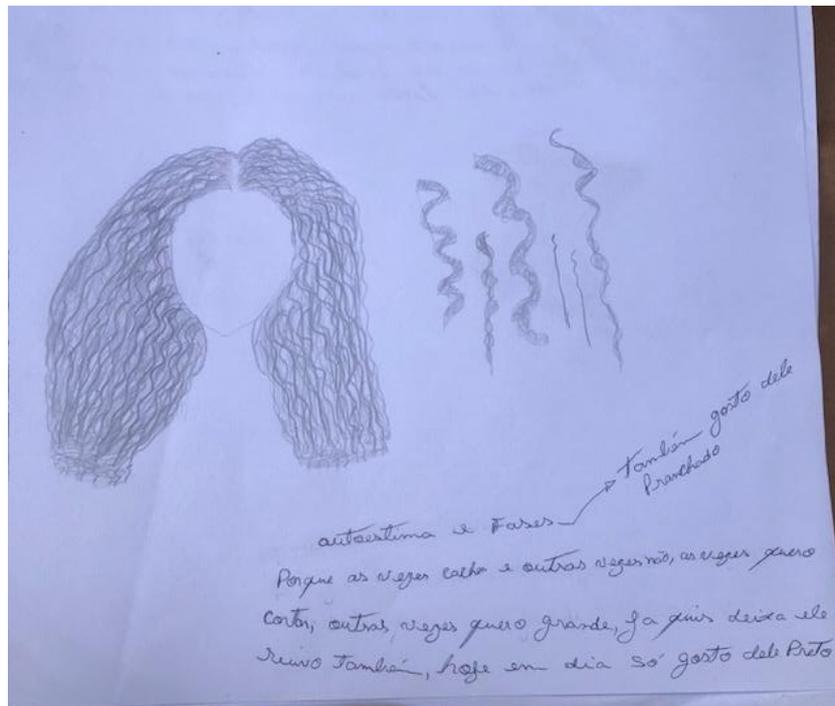


Imagem 6 – “Autoestima e fases - também gosto dele pranchado, porque as vezes cacheio e outras vezes não, as vezes quero cortar , outras vezes quero grande, quis deixar ele ruivo também, hoje em dia só gosto dele preto.”



OFICINA III: Palavras-chaves		TEMA: “O que seu cabelo representa, para você?”
Objetivo Geral: Discussões em torno dos conceitos de raça, gênero, identidade e juventude através das histórias de vida e formação produzidas por jovens estudantes negras.		
Metodologia: Apresentação em formato impresso do material paradidático do livro da autora Iasmim de Oliveira Gonçalves que se chama “Os Fios de Recontos” (2019), e saber quais palavras chaves eles trazem após os desenhos e discussões, como o cabelo representa para cada um.		
Recursos Utilizados: O desenho feito pelos alunos, caneta, lápis.		
Palavras coletadas a partir da escuta dos alunos, com a seguinte pergunta: O que seu cabelo representa, para você?		
Autoestima	Fases	Riqueza
Beleza	Superação	Cores
Força	Metamorfose	Ancestralidade

DISCUSSÕES DAS PRÁTICAS METODOLÓGICA EM SALA DE AULA

Na maioria das vezes, ensinamos usando materiais e comunicações escritas, verbais e audiovisuais previamente selecionadas ou criadas. Esses recursos são de extrema importância, porém a melhor maneira de aprender é equilibrar atividades, desafios e informações contextualizadas. Com isso, as metodologias devem estar alinhadas com os objetivos desejados. Para promover a proatividade dos alunos, é essencial utilizar abordagens que os envolvam em atividades progressivamente mais complexas, nas quais precisem tomar decisões e avaliar os resultados, com o suporte de materiais pertinentes. (MÓRAN, 2015)

Com isso, a utilização de metodologias ativas na sala de aula é de suma importância, pois, serão fundamentais para progredir em direção a processos avançados de reflexão, integração cognitiva, generalização e implementação de novas práticas.

Posto isto, as metodologias ativas utilizadas em sala de aula serão determinantes para romper com o ensino tradicional/bancário e tornar o aluno como foco central da aprendizagem, motivando aquele estudante através do diálogo e práticas pedagógicas diversificadas e é nesse contexto que as oficinas nasce durante as aulas de sociologia, com o intuito de trazer o aluno para o centro dos debates.

Para além disso, através das aplicações das oficinas foram analisados como é a relação dos estudantes com os seus cabelos e como o cabelo influencia na autoestima de cada um de uma forma diferente, pois cada estudante como indivíduo social carrega consigo trajetórias e vivências que envolvem sua relação com o cabelo.

É indubitável que as oficinas produzidas trouxeram para os estudantes daquela turma diversos conhecimentos e autoconhecimento, uma vez que, discutido diversas temáticas envolvendo o assunto abriu um leque de possibilidades para que cada um refletisse sobre o quanto seus cabelos são para além de algo que faz parte do seu corpo e sim que carrega com si suas histórias.

O cabelo crespo para as mulheres negras é um mecanismo de intervenção em diversos contextos e culturas, servindo como uma afirmação de identidade (FIGUEIREDO, 2018), visto que, a sociedade impõem a pressão estética do padrão da branquitude, no qual o cabelo crespo por muito tempo foi visto de maneira pejorativa, interferindo na autoestima e auto aceitação das pessoas com cabelo crespo.

Nos últimos anos, vem aumentando o número de mulheres e homens que vêm aceitando sua identidade de maneira o qual possam entender sua trajetória histórica e cultural. Então, abordar essa temática em sala de aula é de suma importância para a manutenção do aprendizado e do autoconhecimento de cada estudante, esses debates feitos em sala de aula serviram para ensinar e sensibilizar cada estudante presente no que se refere a identidade, representação e empoderamento.

CONCLUSÃO

Concluimos que, uma educação pautada na valorização da cultura, identidade negra desses jovens majoritariamente negro(a), contribui em seu processo de autoconhecimento acerca da sua identidade e colabora em seu pertencimento e protagonismo juvenil, pois são valorizados agregando seu aprendizado e valorizando estes jovens que se veem neste espaço, respeitando sua cultura e seus traços.

Uma oficina com este respectivo tema inserido nas práticas educacionais tem grande contribuição no processo do ensino étnico racial, desmistificar que o cabelo crespo é feio e compreender que opiniões contrárias são frutos do racismo estrutural juntamente com a discriminação que a sociedade impregnou no decorrer do tempo, dessa forma, jovens que tem sua cultura valorizada dentro do ambiente escolar e seu conhecimento em torno da cultura negra, só tende a melhorar e agregar seu esboço de conhecimento acerca do conteúdo.

Criar um espaço democrático valorizando e representando a grande maioria dos indivíduos que acessam este espaço jovens negros que estão descobrindo suas próprias subjetividades individuais é mostrar que para além dos muros das escolas existem caminhos diversos e que todos podem conseguir acessar.

Apesar das dificuldades enfrentadas para chegar a estes ambientes pois as oportunidades não são igualitárias, mais é salientar que não é impossível, as oficinas teve um papel de suma importância em expor as diversas formas de valorização, pois foi uma oficina que acessou muito além da sua proposta inicial em valorização dos cabelo crespos, formas de cuidados e a estética, demonstrou sensibilidade em criar este ambiente democrático na escuta e troca de experiência em suas vivências.

Oficinas e projetos como este não seja só pensado em dias específicos, que as datas no calendário seja o dia de pensar novamente na valorização, para que possa ser multiplicado e repassado no dia a dia, nas conversas e nas trocas de experiências, para que este ensino não seja bancário e sim com o intuito de contribuição para as futuras gerações, pois um ensino democrático, metodologicamente instigante é caminhos de passar por algumas situações de precarização no processo de aprendizado, demonstrando assim um espaço democrático onde todos sejam protagonistas e incluídos nas conversas.

O projeto foi construído e desenvolvido em toda as etapas, com os jovens sendo os principais protagonistas, juntamente com a parceria da turma, e este processo foi importante

pela observação que a autonomia e o respeito em ambas partes entre todos os participantes foi positivo havendo a escuta e troca de vivências , foi um processo entre o aprender/ensinar.

Portanto ficou evidente no processo de construção e nos resultados, o quanto é importante trabalhar em sala a valorização das relações étnico-raciais em sala aula trazendo debates sobre cabelo, estética negra e cultura. Com isso criando redes de fortalecimento entre os jovens que estão neste processo de construção de suas subjetividades e descobrindo suas identidades, dar protagonismo para esses jovens é de suma importância para mostrar o quanto são importantes e suas vozes imprescindíveis para aquele espaço e para a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa, Kátia Maria dos Santos , Cabelo ruim? Que mal ele te fez? /Kátia Maria dos Santos Barbosa-Belo Horizonte : letramento ; temporada, 2020

BETTINE;Marco,SANCHEZ;Livia Pizauro, Análise Histórica das Legislações Educacionais para a Educação Formal dos Negros no Brasil, Educação em Revista, Marília, v.18, n.1, p.93-108, Jan.-Jun., 2017

BRASIL (1999). Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília.

Dayrell ,Juarez ; Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG / Juarez Dayrell (organizador). - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

FIGUEIREDO, Angela. A Marcha das Mulheres Negras conclama por um novo pacto civilizatório: descolonização das mentes, dos corpos e dos espaços frente às novas faces da colonialidade do poder. Descolonialidade e pensamento afrodiaspórico, v. 2, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012

GONÇALVES, Yasmin de Oliveira , “ Os fios de Recontos’- Histórias de vida e formação de Jovens Negras- 2019

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia. Revista de Ciências Sociais: RCS, v. 45, n. 1, p. 45-61, 2014.

MACHADO, Celso de Souza. O Ensino da Sociologia na escola secundária brasileira: levantamento preliminar. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 115-142, 1987.

MORÁN, José et al. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

MORENO; Adriele; Documentário Sobre Estética e Cabelos Afros: Espelho, Espelho Meu Youtube, 25 de novembro de 2013, Disponível em: <https://youtu.be/44SzV2HSNmQ?feature=shared>, Acesso: 10 de julho 2024.

OLIVEIRA, Amurabi. A Antropologia no Ensino Médio: uma análise a partir dos livros didáticos. Cadernos de Estudos Sociais, v. 28, n. 1/2, p. 01-23, 2013.

PINHEIRO, Barbosa Carine Soares, Como ser um Educador Antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. ePUB.

SILVA, Ileizi Fiorelli. O Ensino das Ciências Sociais/ Sociologia no Brasil: histórico e perspectivas. MEC, Brasília, 2010. (Col. Explorando o Ensino – Sociologia. Coord. Amaury César Moraes).